

## TRICHURIS VULPIS

LONGO, Celso Eduardo Martini

SANTOS, Gustavo Robledo

OLIVEIRA, Jorel Leandro Santos

Discentes do curso de Medicina Veterinária da Associação Cultural e Educacional de Garça

NEVES, Maria Francisca

Docente do Curso de Medicina Veterinária da Associação Cultural e Educacional de Garça

### RESUMO

O *Trichuris vulpis* é um parasita que vive no intestino de cães, principalmente, no ceco. Esses parasitas produzem ovos que se alojam nas fezes de animais infectados, e esses ovos possuem a capacidade de viver no solo por muitos anos. Os cães com essa infecção podem apresentar dor e distensão abdominal e também diarreia, que as vezes pode ser sanguinolenta. Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma revisão de literatura sobre essa verminose, destacando seus aspectos epidemiológicos.

**Palavras-chave:** cães, *Trichuris vulpis*.

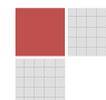
### ABSTRACT

The *Trichuris vulpis* are worms that live in the digestive tract of dogs, especially in the cecum. Those parasites produce eggs that lodge in the feces of infected animals, and those eggs possess the capacity to live in the soil for many years. The dogs with that infection can present pain and abdominal distension and also diarrhea, that the times can be sanguinary. This article aims at to develop a literature revision on that worm, detaching your epidemic aspects.

**Keywords:** dogs, whipworms.

## 1. INTRODUÇÃO

O crescente número de animais de companhia, principalmente nos grandes centros, tem estreitado o contato entre esses e o homem, aumentando a exposição humana a agentes de zoonoses. Só nos Estados Unidos estimou-se que existam 52 milhões de cães e 55 milhões de gatos domiciliados entre aproximadamente 60% das famílias americanas (GENNARI et al., 1999).



No Brasil, trabalhos realizados com necropsias ou com exame de material fecal de cães (CORTES et al., 1988) e de gatos (CAMPOS et al., 1974) evidenciam a prevalência dos diferentes agentes. Dentre esses agentes encontra-se o *Trichuris vulpis*, causador da tricurirose.

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma revisão de literatura sobre essa parasitose, destacando seus aspectos epidemiológicos.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

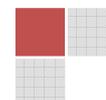
### 2.1 Etiologia e modo de transmissão

O gênero *Trichuris vulpis* é encontrado no ceco e no cólon de cães e outros canídeos silvestres. As fontes de infecção são o solo e os cursos de águas contaminados com os ovos do parasita. O modo de transmissão se dá através da ingestão de ovos e água. Com temperaturas constantes de 22°C a larva infectante se forma em 54 dias, com temperaturas flutuantes entre 6 e 24°C, o processo demora 210 dias (ACHA E SZYFRES, 2003).

### 2.2 Ciclo evolutivo

Os tricurídeos vivem no intestino grosso de seu hospedeiro, com a porção esofágiana implantada na mucosa intestinal. As fêmeas fazem uma ovipostura diária de vários milhares de ovos, não segmentados, que são eliminados com as fezes do hospedeiro e necessitando permanecer no meio externo por um certo número de dias, de acordo com as espécies, para se embrionarem. As condições favoráveis de temperatura são as de 25 a 32° C. As temperaturas mais baixas retardam a evolução e as mais altas aceleram. Em condições favoráveis, os ovos de *T. vulpis* tornam-se infectantes depois de nove a 10 dias (ACHA E SZYFRES, 2003, KOHEK, 1998).

O ovo embrionado contém a larva infectante LI. Quando os ovos maduros de *Trichuris* são ingeridos junto com os alimentos ou com a água de bebida, pelo hospedeiro adequado, os opérculos mucóides se dissolvem pela ação dos sucos



digestivos duodenais e as larvas escapam dos ovos 30 a 60 minutos após a infecção. A LI apresenta um estilete oral. As larvas passam ao ceco, invadem a parede intestinal, onde permanecem alguns dias, depois saem para a luz do intestino grosso onde realizam as mudas para atingirem o estágio adulto e reiniciar o ciclo (ACHA E SZYFRES, 2003, KOHEK, 1998).

### **2.3 Sinais clínicos**

Nas infestações com grande número de parasitas pode ocorrer dor e distensão abdominal e também diarreia, que as vezes pode ser sanguinolenta (SLOSS, 1999; URQUHART et al., 1998). No acometimento a animais muito jovens e com alta contagem de parasitas, pode ocorrer prolapso retal (ACHA E SZYFRES, 2003).

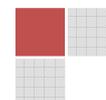
### **2.4 Patogenia**

As infecções, em sua maioria, são leves e assintomáticas. Ocasionalmente, quando presentes em grandes quantidades, os vermes causam uma inflamação diftérica da mucosa cecal. Isto resulta da localização subepitelial e do movimento contínuo da extremidade anterior do parasita em busca de sangue e líquido (FORTES, 1997).

Um aspecto relevante a ser considerado é a longevidade dos ovos (REY, 2003; KOHEK, 1998), que depois de três ou quatro anos ainda podem sobreviver como reservatório de infecção em pocilgas ou em canis, no pasto, isto é menos provável, pois os ovos tendem a ser lavados no solo (FORTES, 1997).

### **2.4 Epidemiologia**

Os tricurideos possuem distribuição mundial que, em geral, corresponde a dos ascarídeos transmitidos pelo solo. Isto ocorre porque os tricurideos, bem como os ascarídeos necessitam de condições ambientais muito semelhantes para que



ocorra o desenvolvimento de suas larvas infectantes e os mecanismos de transmissão. Ambos são altamente prevalentes em ambientes quentes e úmidos, e menos prevalentes em climas de temperatura e umidade intermediárias e escassos ou ausentes em climas áridos ou muito frios (ACHA E SZYFRES, 2003).

A prevalência de infestação em nível global fica na faixa de 10 a 20%, nos Estados Unidos a prevalência, em alguns estados, chegou a mais de 40% (ACHA E SZYFRES, 2003). No Brasil não existem muitos experimentos sobre a prevalência desta verminose, porém em um dos poucos estudos sobre o assunto, desenvolvida por FISCHER (2003), investigando a prevalência de helmintos em 51 cães provenientes da rotina clínica e cirúrgica do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HCV-UFRGS) através de diagnóstico post-mortem durante os anos de 1998 a 2000, constatou que do total de animais examinados, 47% apresentaram *Trichuris vulpis*. Em outro relato, referente ao experimento de LEITE et al. (2004), verificou-se que 264 amostras de fezes pesquisadas 3,3% apresentavam *Trichuris vulpis* (LEITE et al., 2004).

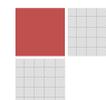
## 2.5 Diagnóstico

O diagnóstico estabelecido mediante a comprovação da presença de ovos típicos nas fezes (GEORGE E GEORGE, 1988; ACHA E SZYFRES, 2003, FOREYT, 2005).

## 2.7 Tratamento

O tratamento é feito com a utilização de Fenbendazol por três dias, repetindo a cada três semanas por três meses (SHAW E IHLE, 1996).

## 2.8 Controle



A prevenção consiste em melhorar as condições ambientais mediante a eliminação adequada dos excrementos para evitar a contaminação do solo (SHAW E IHLE, 1996; ACHA E SZYFRES, 2003).

### 3. CONCLUSÃO

Embora não possua uma importância muito relevante como zoonose, a tricurirose é bastante comum em cães, tendo uma abrangência geográfica muito grande, especialmente em locais de clima úmido e quente.

### 4. REFERÊNCIAS

ACHA, P. N; SZYFRES, B. Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre ya los animales. **Pan American Health Org.** 2003.

CAMPOS, D. M. B.; GARIBALDI, I. M.; CARNEIRO, J. R. Prevalência de helmintos em gatos (*Felis catus domesticus*) de Goiânia. **Revista de Patologia Tropical**, v.4, n.3, p.355-9, 1974.

CÔRTEZ, V. DE A.; PAIM, G. V.; ALENCAR FILHO, R. A. DE. Infestação por ancilostomídeos e toxocarídeos em cães e gatos apreendidos em vias públicas, São Paulo (Brasil). **Revista da Saúde Pública**, v.22, n.4, p.341-3, 1988.

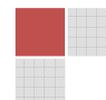
FISCHER, C. D. B. Prevalência de helmintos em *Canis familiaris* (Linnaeus, 1758) no Hospital de Clínicas Veterinárias do Rio Grande do Sul através de diagnóstico post-mortem. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 31, n. 1, p. 63-64, 2003.

FOREYT, W. J. Parasitologia Veterinária – Manual de Referência. 5. ed. São Paulo: Roca. 2005.

FORTES, E. **Parasitologia veterinária**. São Paulo: Ícone, 1997.

GENNARI, S. M.; KASAI, N.; PENA, H. F. J.; CORTEZ, A. Ocorrência de protozoários e helmintos em amostras de fezes de cães e gatos da cidade de São Paulo. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.** v.36 n.2 São Paulo 1999.

GEORGI, J. R., GEORGI, M. E. Parasitologia veterinária. 4.Ed. São Paulo: Manole, 1988.



KOHEK, I. Guia de controle de parasitas internos em animais domésticos. São Paulo: Nobel, 1998.

LEITE, L.C. et al. endoparasitas em cães (*Canis familiaris*) na cidade de Curitiba – Paraná – Brasil. **Archives of Veterinary Science**, v. 9, n. 2, p. 95-99, 2004.

SLOSS, M.W. Parasitologia Clínica Veterinária. 6.ed. São Paulo: Manole. 1999.

URQUHART, G. M.; ARMOUR, J; DUNCAN, J. L.; DUNN, A. M.; JENNINGS, F. W. Parasitologia Veterinária, 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

SHAW, D. H.; IHLE, S. L. **Small Animal Internal Medicine**. Blackwell Publishing, 1996.

